

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

O avô de Waterloo (Novela historica por Teixeira Gomes?)

A «Legião Portuguesa» segundo uma testemunha — Em busca dum avô condecorado — Os soldados vendidos, ás ordens dos franceses — De Wagram ao Berezina — Uma fantasia ou um traidor à patria ?

Uma das grandes acusações feitas a D. João VI é a de ter deixado Portugal quando o invadiam os estrangeiros. Duas opiniões correm sob o passo real, uma favoravel ao soberano: a dos praticos; a outra condenatoria: a dos romanticos. Ha ainda a terceira, a que sem base, ao acaso, de ouvido, o inculpa para mostrar o desamor do Bragança à sua terra. Esta é a republicana, incapaz de emenda ou de reflexão.

Deixando entregue ás discussões dos historiadores esse rei de alma tão desgraçada, sob os adipos de seu corpo, é outra a personalidade que me tenta. Viveu tambem nessa epoca — ao que se diz — pois não sei ainda se estou diante de um facto positivo, de alguem que existiu ou de personagem inventada por um escritor. Trata-se do avô de quem vai ocupar o cargo de chefe do estado portuguez, do antepassado do senhor Teixeira Gomes, revelado à Europa como um official de Bonaparte.

É uma sombra perdida na vastidão do mundo, a desse militar cujo neto informou o dicionario *Portugal* de que elle «FEZ A CAMPANHA DA RUSSIA, COMANDOU UM ESQUADRÃO EM WATERLOO E NO REGRESSO À PATRIA SÓ ENCONTROU DESAMOR E ODIÓ». Como acrescimo ouviram os jornalistas francezes, dos proprios labios do

novo presidente da republica, honrar-se muito dessa ascendencia e ainda que aquele homem ou sombra — ainda não sei bem — recebera a Legião de Honra em Wagram.

Vamos acompanhar pelo universo a projecção tenue desse vago official de cavalaria portuguesa — porque pertenceria a esta arma, visto lhe entregarem um esquadrão na hora das responsabilidades — a de Waterloo — e levaremos por guia um soldado, um camarada dos nossos compatriotas arremeçados para o estrangeiro; será o itinerariador, o militar que deixou rastro e não um tipo de novela historica.

Chamou-se Teotonio Banha, foi tenente e tendo ido de Setubal à Russia, enquadrado nos exercitos franceses, escreveu um livro — bordão sólido para estas peregrinações — o qual se intitula: «*Apontamentos para a Historia da Legião Portuguesa ao serviço de Napoleão I, mandada sair de Portugal em 1808*».

Mandada sair de Portugal, é esta a frase bem cabida, por ordem de Junot — conquistador do acaso ao qual não se antepuzera uma companhia de infantes — afim de se livrar de generais ousados como Alorna, o que quizera combater, e Gomes Freire, o excitado querido da soldadesca. Ao mesmo tempo — como Cesar nas épicas edades da velha Roma — Bonaparte queria arrastar pela Europa representantes fardados dos povos submetidos. Assim appareceram as legiões westefalianas, ilirias, napolitanas, dinamarquezas e a portuguesa na qual deve ter sido incorporado o avô a que se refere o senhor Teixeira Gomes, o qual deveria usar qualquer destes apelidos ou ambos a não haver desvio de ponderar na linha directa de uma familia hoje alçada ao primeiro lugar do país.

A cavalaria — a parte da legião que nos interessa — foi reunida na Luz e dali os soldados e cavalos do 1, 4, 7 e 10 avançaram para Salvaterra constituindo o 1.º regimento o qual se entregou a Roberto Inacio Ferreira de Aguiar; do 2.º, composto pelas praças e solipedes do 6, 9, 11, e 12 teve o comando o depois celebrisado Alvaro Xavier de Povoas e do 3.º, muito incompleto, contingentado pelos restos do 2, 3, 5 e 8, foi coronel o marquês de Loulé. Os majores e chefes de esquadrão destas unidades eram o conde de Sabugal, D. José Benedito de Castro, mr. de Artaise, José Carlos de Sousa, Hermano Braamcamp e José Antonio Ramos Nobre. Nenhum destes é o ancestro do senhor presidente da republica, pois a um ano de distancia de Wagram, a quatro da retirada da Russia e a sete de Waterloo, esse official não figura nestes estados maiores. Era talvez um apagado alferes ávido de gloria a ganhar, durante esse tempo, honras de official superior. Subia-se rapidamente nessa epoca; havia soldados que levavam nos boldriés e nas patronas os seus bastões de marchaes, o que não succedeu, todavia, a nenhum dos portugueses mandados combater para longe da sua patria espésinhada e invadida.

Os regimentos fão como bandos, parecia uma sortida de aventurei-

ros, *«viam-se nelas fardas de todos os feitios e de todas as côres do antigo e novo uniforme e grande numero de outras de capricho; barretinas de diferentes modelos, chapéus armados e redondos com galão e sem êle, finalmente pareciam mais um corpo de ordenanças armadas, que um exercito de tropa de linha»*,

Deste modo se descreve a marcha dos homens que iam, arrastadamente, dar o seu sangue ao estrangeiro mal sabendo um dêles — pessoa ou duende — que um neto com tal suplicio se glorificaria.

Os soldados — conta o mesmo livro — desertavam e junto de Ciudad Rodrigo, diziam *«Querem-nos levar para França; pôde ser que lá vamos ainda; mas hade ser com grilhões e não com armas»*.

Tinha-se formado uma brigada da cavalaria a qual foi entregue a Manuel Inacio Martins Pamplona. Nesta altura, um algarvio, de nome João Antunes Gaivão, ajudante de ordens do marquês de Alorna, mandado de Burgos a Lisboa nunca mais voltou. Desertara num arranco de amor patrio. Modificava-se, de tempo a tempo, a organização dos regimentos e nas vespéras de Wagram foi a infantaria que se requisitou com uns poucos de cavaleiros.

«O general Valette, comandante da 6.^a divisão militar — conta o nosso guia — veio por esse tempo a Gray organizar um regimento provisional de dois esquadrões, que foi quanto se pôde aprontar de toda a cavalaria portuguesa, para partir para Austria; e para isso mesmo se tinham já recebido alguns cavalos de remonta. Destes dois esquadrões foram escolhidos no 1.^o regimento, para o qual se mandaram passar alguns homens e cavalos do 2.^o, mas nenhum official. Deu-se o comando do dito regimento provisório ao coronel Roberto Inacio, que partiu com êle levando o chefe de esquadrão D. José Benedito de Castro para Munich, em Baviera, onde se reuniu ao corpo do general Oudinot. Esta porção de cavalaria, assim como o resto que veio depois, entrou em algumas escaramuças, mas não tomou uma parte muito activa na guerra e nunca esteve em linha senão na batalha de Wagram, onde não teve, apesar disso, ocasião de carregar o inimigo.

Oudinot foi o herói de Wagram, mas não tendo empregado os nossos cavaleiros, mal se comprehende como se condecoraria um dos seus officiais. É certo que Napoleão elogiou os portuguezes, sobretudo os de infantaria porque se *«viu toda a divisão franceza escapando-se em debandada ao abrigo da escuridão e os dois batalhões portuguezes sustentando-se sós e firmes no seu posto apesar do vivo fogo do inimigo.»*

Em Fontainebleau, após a vitória, o imperador dirigindo-se ao conde da Ega, deixou cair dos labios estas palavras que ungiram para todos os seculos os soldados de Portugal:

«Senhor conde, estou muito satisfeito dos vossos portuguezes: êles

combateram sempre com muita galhardia nesta guerra e, decerto, na Europa não ha melhores soldados que elles».

Isto representa a sagração do deus dos exercitos lançada sobre os seus batalhadores, é a epopea, é a gloria acrescentada com a honra de fazerem a guarnição de Paris e a guarda das Tulherias durante um mez.

Era tudo. O militar que assistia e anotava no seu caderno estas scenas com os seus camaradas, escreveu:

«Nenhuma outra tropa ou official da legião portugueza tinha prestado antes, nem prestou depois, juramento de fidelidade a Bonaparte».

Como aparece, então, alguém, filho de Portugal, a bater-se em Waterloo sem que qualquer liame o prendesse?

Enquanto ás condecorações afirma que «o general Carcome obteve por esta ocasião a patente de general de divisão francês — este era o comandante da 1.^a brigada de infantaria — e a insignia e a pensão de official da Legião de Honra e alem disso as patentes de capitães e as insignias da Legião de Honra para os seus dois ajudantes de ordens que até então nada mais tinham feito que acompanhar o seu general na campanha de Austria». Estes chamavam-se Cordeiro e Franco; decerto nenhum foi o avô do sr. Teixeira Gomes.

Acrescenta que alguns officiaes obtiveram ainda a cor-decoração mas «que o numero deles foi pequeno, porque Bonaparte persistiu em não querer dá-la senão aos que tinham feito a campanha de Austria».

A cavalaria, a que pertencia o homem ou a ficção a que o senhor presidente da republica se refere, não teve ocasião de carregar o inimigo».

Como se tornou official da Legião de Honra, em Wagram, esse avô do senhor Teixeira Gomes?

E' rara a familia real, onde não se vincam misteriosas personagens a entrarem na lenda: D. Sebastião, Luis XVII, D. Carlos, filho de Filipe de Espanha, Jean Orth, são, com outros, os seres que as imaginações amam em suas visões tragicas.

Guardado para altos destinos estava o senhor Teixeira Gomes. Na sua ancestralidade avulta já o lendario.

Após uma travessia cheia de amarguras e de perigos por essa vasta Europa, chegaram à Russia, em 1812, uns farrapos de tropas portuguezas, perdidas sem unidade mas bravissimas.

«A força do regimento de cavalaria, no principio da campanha, era de oitocentos homens, dos quais mais de metade eram espanhois; haveria nêle pouco mais de tresentos portugueses inclusos os officiaes, que o eram todos. Ignoro o numero de homens que voltaram para França, mas duvido que pudessem reunir-se trinta na margem esquerda do Elba».

O narrador descreve a passagem do Beresina, os horrores dos destroços sobre a neve, a loucura coletiva a apossar-se dos soldados, tudo simplesmente, deixando-nos largueza para o quadro impressionante dos vencidos fugindo, sem abrigo, sem viveres, aquecendo-se no calor dos cavalos mortos de fome, esventrados para servirem de agasalho, na sua derradeira febre, aos pobres sem norte na existencia e que comiam ás dentadas a carne crua das bestas, em postas sangrentas, a mancharem de vermelho a alvidão desse plaino nevado sobre o qual se arrastava a derradeira falange do grande exercito.

Os marechais passavam, fantasmas de gloria, nos seus uniformes dourados, tontos, levados nessa onda de derrota na qual o proprio Bonaparte era arrastado como uma aguia a estrebuchar antes de morrer.

La longe o dia dourado — o 7 de setembro — em que êle forte, com os 680.500 homens, 176.850 cavalos e 1000 bôcas de fogo, passara das margens do Niemen para a batalha gritando aos seus guerreiros apontando-lhes o ceu: Lá vem o sol de Austerlitz.

Um vastissimo campo branco como uma lousa extensa de jazigo era o lagedo inicial do caminho da derrota, um oceano sem uma onda, imutavel e, por isso mesmo mais terrivel, sobre o qual doentes vagueavam e doidos, em cavalgadas de lobishomens, atroavam os ceus altos, inclementes, que os vestiam de branco como a aparições, gelando-os para os petrificar, na mortalha gigantesca, na lage que descia já sobre o imperio do grande soldado.

O que manchava a alvura era um outro exercito descido do alto, uma nuvem de centenas de milhares de corvos grasnando, gerando a noite.

Um oficial português acompanhara Napoleão no quartel general.

Era Gomes Freire. Decerto não é este o avô do presidente da republica, apesar do apelido, porque vinha da nobreza dos Bobadela e o outro Gomes jacta-se de bom plebeismo.

Teotónio Banha, descrevendo o final dessa campanha em que o general *Inverno* — o rude e terrivel inverno russo — venceu o eleito dos deuses guerreiros — nomeia «os officiais que escaparam a todos os horrores da guerra e que desta cidade — Koenigsberg — com destino para França. Foram o coronel marquês de Loulé, os capitães José Garcez Pinto de Madureira e Vicente Falé, os tenentes Candido José de Faria, Antonio Caetano, F. Eliote e Antonio Felix dos Reis, quartel mestre; o alferes José Caetano de Paiva, o cirurgião-mór Fernando Rufino e o ajudante inferior Nuno Jaime».

Onde está entre êles, o ancestro do sr. Teixeira Gomes?

Metido num nevoeiro mais denso do que o formado pela neve russa, se amortalha a personagem vaguissima tão celebrada como honesta figura de militar ao serviço de Napoleão e a espalhar uns reflexos de sua Legião

de Honra e de sua gloria de personagem historico sobre o futuro chefe do estado portuguez.

Mas a bruma, o terrivel nevão, envolve-o e não o vemos.

Ainda na quarta campanha — a da Prussia — entraram alguns dos nossos ali se esfacelou o resto da *Legião Portuguesa*.

*
* * *

A regencia do reino impedira de regressar a Portugal, nesta data, os acusados de traidores à patria, isto é, os officiaes que entraram na sua terra com as tropas de Messena e os fizeram penetrar no caminho das nossas aldeias como se cravassem punhaes no coração do seu país.

Pertenceria ao seu numero o antepassado de que tanto se orgulha o presidente?

Mas se assim não succedeu porque motivo serviu a França contra o seu país então em armas para a combater?

Alguem, que foi um soldado digno, exprime-se assim ácerca dos que por lá ficaram:

«Só, como dizemos, poucos destes officiaes, e ainda menos soldados, deixaram de voltar ao país. Seria egoista fascinação de posições e interesses criados entre os extranhos que os levou a olvidarem a patria, não querendo por ela, como o maximo numero dos seus briosos camaradas, sacrificar com louvavel desprendimento essas posições e interesses?»

Claudio Bernardo Pereira de Chaby, velho official das campanhas liberaes, que esteve em Evora Monte e se bateu na Patulêa, é o autor daquela interrogação em que não mostra senão desgosto e de outra em que mais se explana:

«Seriam a tanto violentados pelo imperio de peculiares circumstancias, na apreciação dos quais o mais requintado melindre de patriotismo poderia encontrar cabal justificação para o seu procedimento?»

Realmente não se comprehende a acção desses portuguezes no momento em que a sua terra vinga os ultrages sofridos, a invasão, a conquista dos francezes descendo das fronteiras, instalando-se no governo do seu país.

Todos supplicam licença para voltar. O marquês de Loulé vai ao Brazil lançar-se aos pés do regente; Gomes Freire, sentindo o regresso de Napoleão da ilha de Elba, o preparo do que seria a sua ultima aventura, a rasgar o caminho de Waterloo, escrevia a um seu querido amigo residente em Portugal, donde a lei o afastava por ter vivido na França para onde o tinham mandado:

«Guarda esta carta para servir-me em todo o caso, se fôr preciso de título para provar que assim que soube a grande novidade, que talvez vai dar volta ao mundo, procurarei logo pôr-me a caminho para Portugal porque sou portuguez e o serei sempre».

Noutra missiva insistia:

«procurei os meios de desenvencilhar-me de cá, pois sou e serei sempre português.»

Quem não tinha estas aflições, estes pruridos, tão febris brios era o ser que existiu neste avatar ou fruto imaginativo, o avô do senhor Teixeira Gomes.

Naturalmente, serviu o inimigo. Não tinha já soldados portugueses para comandar, estavam todos do lado oposto, fazendo a sua obra de represalia, sacudindo os inimigos da nação, querendo esmagar quem tão grande era, o general sem emulo na historia. Não hesitou, porem, — ao que espalha o neto — em pôr-se á frente de francesês e em Waterloo chefiar um esquadrão contra os aliados.

Volta Claudio de Chaby com a sua derradeira pergunta:

—«Seriam acaso, e sómente, ruins instinctos de degenerados portugueses, que endurecendo-lhes os corações os tornaram indifferentes e inacessiveis ao sentimento e à doce recordação da patria?»

Fosse o que fosse. Quis constatar o descendente desse official — se realmente existiu nos quadros da *Legião Portuguesa* — que êle não veio com os seus camaradas, que se bateu, à frente de estrangeiros, — pois já não havia um unico nucleo nacional em França, que pegou em armas contra os seus compatriotas ou, pelo menos, contra os aliados que os levavam até Toulouse.

É um titulo de gloria que altea, que agita aos olhos dos franceses; é a **TRAIÇÃO Á PATRIA**, praticada pelo ancestro a que reivindica quem subirá ao mais alto cargo da nação. Serviu-a tão mal que longe de ser titulo de gloria o devia tornar-se de vergonha.

Mas conta outra testemunha, o coronel José Ribeiro de Almeida, que ainda vivia em 1863, 48 anos depois de Waterloo, como ali não esteve nenhuma unidade portuguesa que official do nosso país pudesse comandar.

«Ficou, pois, — escreveu o veterano de tantas batalhas — toda a *Legião* reduzida a quatro companhias, que constituíam o batalhão de deposito: e como as tropas da *Alemanha, Olanda, Suecia, etc.*, ao serviço da *França, voltaram contra esta as armas na batalha de Leipsick, MANDOU NAPOLEÃO DESARMAR TODOS OS EXTRANGEIROS QUE HAVIAM ENTRADO NA COMPOSIÇÃO DOS SEUS EXERCITOS, SENDO CONSEQUINTEMENTE TAMBEM DESARMADOS OS PORTUGUEZES EN 26 DE DEZEMBRO DO DITO ANO — 1813 — e assim subiram de Grenoble para Bourges, onde permaneceram até abril de 1814, epoca em que se realisou a paz geral».*

Que especie de soldados chefiou em Waterloo o fantastico chefe de esquadrão, avoengo do senhor presidente da republica?

Perdido em Wagram, sombra de um sonho na Russia, sem a menor citação dos itineraristas que nos conduziram é necessario averiguar — afim dos franceses jornalistas o procurarem em seus arquivos — qual a

situação em que poderia ter estado — esse homem ou esse herói de imaginativa — na grande batalha onde o descendente o colocou à frente de uns bravos que de todas as raças poderiam ser menos da portuguesa. Estes já andavam, com os aliados, a bater-se contra Napoleão, contra a França.

«Ficaram neste país alguns officiaes e muito poucas praças de pret; a maior parte de aquelles regressou a Portugal por ocasião de proclamar-se a nossa Constituição de 1820. O restante do deposito marchou de Burges em DIREÇÃO A BAYONA E ENCONTRANDO NAS IMEDIAÇÕES DESTA CIDADE, ONDE CHEGOU A JUNHO DE 1814, O EXERCITO PORTUGUÊS, CADA INDIVIDUO SE APRESENTOU NO CORPO A QUE PERTENCIA ANTES DE IR PARA FRANÇA».

Porque não fez o mesmo o avô do chefe eleito do estado português? Porque o diz seu neto em Waterloo, cuja batalha se deu em 18 de junho de 1815?

Continuo a vêr apenas um personagem de romance historico nesse avoengo do presidente da republica eleito, do qual oculta o nome, mas de quem martela grandes feitos. É que não surge palpavel, humano nas paginas dos livros dessa epoca, como os outros, os generaes e os simples secretarios, os officiaes e até a sargentada.

Em Wagram, onde o dizem condecorado, uma capa o oculta; na Russia, onde o dão como presente, a atmosfera, o esconde, o soterra; em Waterloo, onde o fazem chefe de esquadrão, é a lama do plaino que o entenebrece. Não podia estar ali com portugueses nem como filho desta patria; logo encontrava-se na qualidade de traidor. O descendente, em vez de se calar, exalta-o. E então ponho-me a pensar se realmente o homem terá existido com outro nome, este tão vilipendiado que o honrado filho o mudasse e transmitisse novos apelidos aos seus, um dos quaes todo se glorifica por ter na ascendencia um traidor ao seu país. As palavras do dicionario *Portugal* soam singularmente transmitidas pelo descendente:

«Fez a campanha da Russia, commandou um esquadrão em Waterloo e no regresso á patria só encontrou desamor e odio».

Pois que esperava quem de portuguez só tinha a inculcá-lo o lugar onde nascera?

Que esperava esse ser ou sombra vã? Que desejava dos seus compatriotas que tinham pegado em armas para repelir Napoleão? A apoteose ao seu servidor, ao que estava do lado dele quando os verdadeiros portugueses o combatiam?

«Desamor e odio!»

Rancor e desprezo era o que se lhe devia se o motivo de orgulho do senhor presidente eleito — esse avô que apresenta, como um heroe, á França, para onde se mandaram ha pouco ainda, mais soldados portugueses — se esse ancestro não fosse, como teimo em acreditar, um personagem ficticio, um tipo enevoado de má novela historica traçada num dia de indigestão de ligos lampos.

O pão dos "Quarenta"

Os sonhos de dois moageiros — Os Jerónimos
sucursal da moagem — O pão livre e o lucro
liberrimo — O pesadelo doutro moageiro —
O touro e o patife

Deitado num dos profundos *maples* do gabinete da direcção da Moagem, o rico homem da massas, acabara de ler no seu jornal as idéas do ministro da agricultura ácerca do pão politico. Soara-lhe bem ao ouvido aquella frase sobre a liberdade de importação, e no consôlo dôce da ventoinha a refrescà-lo, naquela penumbra da sala, cerrou os olhos como um justo e pôs-se a dormir sem sobresaltos. Ainda, deironte, o collega soletrava outra folha e já êle sonhava.

Uma esquadra inglesa aportava ao Tejo carregada de sacas destinadas á sua Companhia Moageira e as salvas com que a recebiam eram de saudação aos triunfantes capitalistas — dos *Quarenta*. Um povo de negroides, toda a população da ilha de Cabo Verde mandada engajar para o serviço, descarregava as sacas portentosas. Era no verão, ardia a soalheira, mas os negros cantavam felizes e sorriam no fim das canções, não deixando jamais de avançar com o carreto para o edificio magestoso e enorme onde maquinas portentosas engoliam as sacas e restituíam pães nos quais havia de tudo — desde a semente de alfavaca ao arrôz podre, desde o lixo de Londres á alfarroba balienda — e onde o trigo era uma suspeita vaguissima, como succede com o denominado café, aos pobres destinado, do qual a cafeína anda tão afastada como um milionario de um mendigo. Uma turba ávida recebia aquelles pães, levava-os numa pressa, comia-os e pagava — oh! ceus! — uma libra por cada um.

Êle bem as via reluzentes, tilintantes, como se saíssem quentinhas de maquinas poderosas — as dos corpos de toda uma cidade em labuta só para lhes pagar o pão — e arrecadava, mergulhava as mãos, os braços, o corpo, parodia de Crassus ávido de comer ouro, de lamber ouro, de devorar ouro, de apanhar uma indigestão de ouro.

Com a baba a escorrer-lhe ao canto da bôca, o moageiro, enterrado no *maple*, ampliava a sua visão. Ganhavam tanto os *Quarenta*, que tinham transformado Lisboa na sua grande concepção industrial.

A sua fabrica, inaugurada ha pouco, — aquella cujos engenhos, paredes e oficinas pertenciam aos outros, pois nascera dos lucros exageradissimos do pão politico — crescia, invadia todo o Aterro, ia até ao Caes do So-

dré, seguia para os lados de Alcantara, alongava-se para Belem e nos Jerónimos, sobre as suas torres manuelinas, arvorava-se uma grande taboleta onde se lia: *Sucursal da Companhia dos Quarenta. Pantheon Moageiral*. E era assim tudo:—Ajuda, Necessidades, o Terreiro do Paço, as avenidas pertenciam à moagem, eram da moagem, vergavam sob a moagem.

Os caminhos de ferro só carregavam sacas de que se formavam pães e libras; os eléctricos eram poucos para tal transporte e havia esquadilhas de aeroplanos para conduzirem os bolos mágicos que nasciam num ápice e eram a origem de colossalíssimas fortunas. Ninguém inquiria da fórmula como se fabricava aquele pão, ninguém queria saber dos processos e das manigancias, e êle, movendo-se no fôlo assento, radiante, feliz, via todo o exercito a acarretar as sacas, a policia a empurrar wagonetas, o governador civil a agradecer-lhe o emprego que dava aos seus homens e sentia-se poderoso, enorme,—êle, e os *Quarenta*—tentando a formação da *Companhia Geral de Portugal Moageiro*. Tudo seria da moagem; da terra arrancar-se-iam sementes da erva do acaso afim de se fabricar pão sempre mais caro, sempre mais pequeno, sempre mais para êles do que para os consumidores, porque—constatava-o com uma gargalhada profunda—em cada cinco mil réis dêsse genero ganhava 4999 réis. Saia-lhe por um real. Não havia negocio melhor do que o dessa importação sem fiscais, essa magnifica pompa da putréa, conduzida em esquadras inglesas a pedido dos senhores moageiros aliados ao senhor Afonso Costa, nesse tempo ministro em Londres.

E então, dominante, forte, supremo, pairando num avião, no mais alto recesso das nuvens, êle, moageiro, um dos *Quarenta*, mandaria lá do alto, como um Deus, uma chuva de farinha pôdre e ria, ria muito, acordava a rir e a esfregar as algibeiras sôbre o coração. Parecia-lhe feito da macieza do ceu o *maple* onde dormira.

Na outra cadeira o colega amodorrara tambem e o sonho o tomara desde logo. As suas operações para a compra de farinados davam ótimos resultados. Entesourava lucros fabulosos e calcava um povo inteiro explorado. Vendia carissima aquela massa cosida a que chamava pão e todos os gosos do mundo o regalavam tanto como a doçura daquele sôno na confortavel poltrona, sob a deliciosa aragem da ventoinha.

De ha muito que desejava aquela situação; a licença para importar o que lhe parecesse, o fim do pão politico, o triunfo do pão dos *Quarenta*, pelo preço que calhasse, à larga, á vontadinha e tudo comia magnificamente, embora não se elevasse até ás regiões fantasticas para onde o sonho ambicioso atirára o seu socio.

Subitamente, aquela atmosfera côr de rosa que o envolvia adensava-se, tornava-se pesada, e a palavra tão bem timbrada que ressoava a ouro e brilhava como um sol, ao pronunciar-se, echoava numa maldição.

Os Quarenta!

Havia como explosões de coleras ao atirar-se estas palavras e êle via, analisava, tinha a certeza de que não o carregava um pesadelo. Alguns homens debruçados sobre livros, em diversas ruas, em varios logares, em sitios diversos tomavam apontamentos. Esse volume era o *Anuario*

Comercial e êles procuravam nomes e moradas, apontavam-nos em largas folhas de papéis negros traçadas a tinta vermelha. Debruçava-se, investigava, dilatava os olhos num pasmo por vêr tanta gente em sitios diversos numa tarefa egual. O que êles buscavam sem combinação prévia, ao acaso, tomados da mesma idéa, era os nomes dos *Quarenta*, desses invenciveis que possuíam fortunas, gosavam prazeres de nababos, viviam em palacios maravilhosos, todos de deleites e jamais pousavam nos passeios os seus pés, outrora calejados das chancas, e possuíam, para os defender, maquinas imensas de publicidade servidas por inteligencias.

Mas que queriam os que se debruçavam sobre aquelas paginas?

Soltava um macio suspiro e, imaginava que procuravam seus palacios para se venderem, oferecerem os seus prestimos a troco duma dessas bolas extranhas a que chamavam pão. Socegava; estendia-se mais nas molezas da poltrona e compreendia que desejavam saber de seus apellidos para averiguarem como tinham chegado ao auge. Era apenas isso; mais nada. E essa curiosidade irritava-o, feria-o, essa tentação perscrutadora alarmava-o e, o que julgava bom ha pouco, no seu sonho, aquela liberdade de panificar, surgia-lhe já diferentemente.

Acordou com um berro, ao tempo que o colega despertava com um sorriso e enquanto o outro lhe dizia ser preciso aumentar o preço do pão e lhe narrava o seu sonho de dominador universal, êle contava-lhe tambem o seu e concluia a aconselhar menos ganho, como garantia de paz.

Então, encararam-se, sentiram um ruim presagio e exclamaram, relembrando os comentarios discordantes da imprensa a respeito dos *Quarenta*.

— O que esse patife fez foi atirar-nos ao touro...

E o touro era o povo e o patife... era o ministro.

Julgavam sentir, no fundo dos *maples*, agulhas, espinhos, picos, eguais aos que começavam a rasgar-lhes as almas.

Autopsia ás ideias dum orgão catolico

A politica e a religião — Estranhos pensamentos sobre a moral dos livros — Conceltos diversos sobre as qualidades dos chefes dos Estados — As duas moraes em confronto — Silencios que são pecados

O *Diario do Minho* é de Braga e é catolico a seu modo; sim, porque fazer afirmações de fé religiosa, praticar, produzir manifestações externas de culto e proceder fóra de todas as ideias sentidamente moraes, d'isso até é capaz Lucifer, metido no seu habito de eremitão: o diabo feito frade. Propositadamente me tenho afastado dos conflitos com a Egreja, dos debates entre alguns dos seus membros, porque a ideia de Deus — e a Sua Vontade — prepondera mais alto do que os sentimentos humanos e Ele premiará quem trilhar o caminho da justiça. Laborar no êrro tem perdão; reincidir é maldade, é sectarismo. O *Diario do Minho*, palmilha na reincidencia, ao contrario do modelar jornal catolico de Lisboa, a *Epoca*, dirigido por uma brilhante pena, toda dedicada ao que se pode chamar um apostolado.

Agora aparece aquêle periodico bracarense a defender uma falsa teoria, ácêrca dos livros do senhor Teixeira Gomes, cujas paginas apontamos como tão imoraes que não podiam ser lidas por senhoras dignas deste nome. É a seguinte, essa defesa, porque não se podem chancelar de outra forma taes opiniões:

«O futuro presidente escrevera em tempos um livro de literatura avariada. Era natural que os livreiros quizessem especular, aproveitando a eleição do seu auctor, para promover a venda dos exemplares que não tinham procura.

E nesse caso competia aos conservadoras um unico papel; desviar os olhos, quando atestassem a lombada suspeita, na vitrine.

Pois entendeu-se que o melhor caminho, o mais sensato e moral era, reeditar e espalhar aos quatro ventos a parte mais suja da proza, com o previo anuncio de que era só para homens!...

E toda a imprensa que se diz zelante da moralidade publica achou bem!

Que grande exemplo de moralidade... conservadora!...

Naturalmente, para se mostrar o mal, é necessario indicá-lo. É por isto que desde os romanos se preveniam os visitantes ácerca da ferocidade dos cães de guarda: *cavem canem*. Cautela com o cão. É pelo mesmo motivo que em certos montados defendidos dos gatunos, se avisam as pessoas de bem: *aqui ha ratoeiras*. De igual modo se pintam duas tibias e uma caveira nos productos venenosos de farmacia e se imprime, nitidamente, em certas lombadas de literatura, a designação de: *Só para homens*. Foi o que se fez aqui com retumbancia e com aplauso da imprensa que não tem a defender o presidente da republica, seja ele qual fôr, venha de que facção vier, bom ou mau, digno ou perverso, inferior ou talentoso, catolico ou ateu. Escreveu cousas contra o pudor, passeou, segundo sua confissão, com mulheres perdidas, em busca de bachantes do regalo, destas fêmeas miserables e indignas, içou-se, pela mão do maior perseguidor da Igreja, tornou-se seu candidato, seu delegado, seu nuncio? Pois que importa tais escritos, semelhantes aberrações, origem de tal jaez? Ele é o chefe do Estado e inatacavel, mesmo sendo da má casta, capaz de perverter uma sociedade com suas idéias ou de sujar uma religião com seus ignominiosos pensamentos. Isto é o que pensam os jacobinos, quando se trata do seu presidente, isto é o que quer o *Diario do Minho*, catolico, de Braga, cidade da Fé, ao condenar a imprensa que descobre pustulas, as quais lhe parecem curadas, sãs, labios de creanças, em vez de rasgões pestilentos, desde que a um eleito pertençam. Porquê? Porque o periodico em questão ajoelha e quasi resa diante dum presidente da republica, mesmo supondo que ele é de peor quilate—o que póde não succeder no caso presente—mas susceptivel de surgir amanhã. Bandido do acaso, aventureiro, mau homem, calcador dos sagrados preceitos—suponha-se que aparece um chefe de estado com taes estigmas;—pois bem, o *Diario do Minho* aconselha a seus leitores que fechem os olhos não só a seus maus livros—se os tiver—mas até a seus maus actos. Mesmo que vá demolir templos e cuspir nas particulas sagradas, ele é invulneravel, ele é inatacavel, ele conforme a ideia singularissima deste campeão dos grandes principios, deve ser mergulhado no silencio. Cometa, embora, sacrilegios, que nos calemos sobre eles, eis o que propina o diario bracarense.

«O poder que o chefe do Estado exerce não o criam os votos dos parlamentares que se limitam a escolher a pessoa que o ha de exercer, não em nome da nação, mas em nome de Deus é para bem da nação.

Tal é o ensinamento da filosofia cristã.

O respeito que merece o Chefe de Estado, não lhe vem pois, tanto, das suas qualidades pessoaes, como da dignidade de que o reveste o poder de que passará a ser ministro.

Destá maneira, o *Diario do Minho*, reconhece Lenine; coloca-se

diante desse heroe das demolições sociaes como perante um defensor das prerogativas pontificias. Pode mandar fusilar sacerdotes, apossar-se dos bens da Egreja, escorraçar os justos porque, sendo chefe de Estado, ele está no seu lugar «EM NOME DE DEUS E PARA BEM DA NAÇÃO».

Amanhã, um dos autores dos livros que o *Index* apontou, consegue o sufragio duma assembleia imoral, deve-se acolhê-lo porque está nesse posto «EM NOME DE DEUS PARA BEM DA NAÇÃO»; um heretico galgou aos páramos—como se dizia no seculo passado—ou subiu á mais alta magistratura—como soe agora—e, ninguem mais o pode discutir porque ocupa tais honrarias, «EM NOME DE DEUS E PARA BEM DA NAÇÃO».

Primeiro não é em nome de Deus que um relapso se instala no poder e se assim succedesse—como se decreta nesse extravagante pensamento—jamais haveria confictos entre a Santa Sé e o poder temporal daqueles que a atacam e a renegam.

Grandes lições nos dá a historia de todos os povos e em todas as epocas nesta materia da chefia de um estado diante das perversões condenaveis. Os papas nem só quando surge um inimigo da Egreja fulminam com suas excomunhões; para eles todo o mal vem das subversões da vida social e o peor de todos é a exhibição da imoralidade.

Eu estou longe de todas estas pugnas religiosas, porque em materia de crenças guardo as minhas e respeito a dos outros, mas o que não posso deixar correr como metal bom, fundido em cadinho legal, marcado pelo timbre de um dogma é esse incondicional respeito a quem não o mereça, por seus gestos, actos e palavras.

As maiores garantias dum estado, dum povo, dum patria são as qualidades de quem a guia, do seu supremo dirigente e desde que só porque uma centena de deputados, obedecendo á voz dum senhor, elege quem lhe indicam; eu não estou obrigado, em nome da minha independencia honesta, de acatar aquela que não seja um méro exemplo de brio e de compostura de pensamento. Não o acato nem oculto seus êrros e seus defeitos, seus maus passos ou seus delictos, embora um padre de Braga, do alto das colunas dum orgão católico, como amanhã dum pulpito, o faria, me venha garantir que ele se guindou «EM NOME DE DEUS E PARA BEM DA NAÇÃO».

Uma essencial razão deve presidir ás palavras que os sacerdotes ou os pleiteantes da Fé escrevem ou pronunciam. São eles os condutores das almas, os agentes entre os êrros dos homens e os remedios que se lhes deve dar; por isso condenam enquanto não ha remissão; por isso o peccado existe e tambem a absolvição após o arrependimento. Do contrario não seriam precisos os padres diante de sacrarios, guardiões dos altos sentimentos da Igreja nem teria havido vantagens no sacrificio de tantos milhares de crentes para derruir o paganismo. O mundo teria cami-

nhado na adoração servil e barbara dos maus idolos; a humanidade jámais praticaria virtudes cristãs, e do fundo dos seculos até hoje, sem a condenação da Igreja, fundada sobre os grandes martirios, os faunos, tão amados do presidente eleito da republica portugueza, continuariam a perder-se nas suas orgias lascivas através dos bosques como ele se perdia, sensualizado, nas ruas duvidosas de Sevilha conduzindo aos bordeis —a confissão é de sua excelencia— as mulheres anormais a quem dava o braço para nos braços lubricos das outras as lançar, perdido de alma e do rebuço mais banal. Os santos monges não se julgariam malditos quando as suas carnes cediam a tentações demoniacas e nem os doutores da Fé repudiariam as perversões. Um livro de realismo, com fins de mostrar as chagas, lançado sobre os perversos sentimentos para os mostrar em toda a sua hediondez, a fim de os corrigir pelo nojo, é obra que não se pode culpar; porem as confissões deleterias, os horrores que não se occultam dum publico sem outros intuitos alem de os requintar como originalidades vis, não podem merecer os respeitos de ninguem.

Fazer um silencio sobre cousas deste talante —sobretudo quando quem as assina deve tambem assinar amanhã em nome dum povo inteiro— é um crime de lesa-patria, embora me venham ordenar essa calada aqueles que jámais se coíbem de apontar os defeitos dos mais modestos em materia de publicidade de ideias contrarias ás suas.

Pois é exactamente o passaculpas que preconizam para o presidente da republica, cujas paginas excitantes trasladámos, com o aplauso da imprensa livre de cadeias jacobinas, é o que receitam aqueles que deviam sentir o contrario pela sua posição, pela sua qualidade, pelo papel que desempenham de mentores duma sociedade católica.

Não é assim. O *Diario do Minho*, no seu artigo de fundo, no logar de honra onde tem defendido decerto as grandes ideias de moralidade e de beleza, vem expôr opiniões iguais ás dos órgãos da Maçonaria.

Calcule-se que, depois do respeito exigido para as protervias dos chefes do estado —e outra cousa não são os escritos como os das *Cartas sem moral nenhuma*— ainda quere ir mais alem, pois exprime-se deste modo ácerca dos resultados dum suíragio que êrga mesmo o peor dos individuos:

E' dever civico de, uma vez eleito, evitar tudo o que possa deneгри-lo, porque isso vai de encontro ao proprio prestigio de poder, que todos devem zelar.

Então eu devo zelar, a imprensa de normas inflexiveis, deve zelar um poder vindo do acaso? Cada vez ligo mais a ideia de se occultarem as imoralidades, em vez de as causticar, expressa num echo do jornal bracarense com o seu artigo principal e cada vez, tambem, compreendo

melhor aquilo que não queria escrever. E' que o *Diario do Minho*, inspirado por um simples parochio aldeão ou por um magnifico prelado, deseja que saíamos das normas honradas da familia, das que a Igreja sempre defendeu — com o ataque aos erros — para mergulharmos nos seus adventicios conselhos.

O que o *Diario do Minho* quiere é que ocultemos os crimes, os maus actos, as miserias morais dos grandes, pervertendo assim o sentimento dos humildes que, vendo apadrinhados as enormes faltas dos que os dirigem quererão imediatamente imitá-los. Outra cousa não é o espirito deste trecho.

Ora nenhuma destas consequencias foi tomada em consideração, nem pelos demais cidadãos que se tem dado á tarefa ingloria de esquadriñar no futuro Chefe de Estado todos os erros e defeitos da sua vida, sobre os quais seria mais patriótico e cristão fazer, nesta hora, um discreto silencio.

Silencio sobre o que escreveu aquele que amanhã ha de representar o paiz?! Silencio sobre as suas imoralidades, silencio sobre a sua conducta confessada, silencio sobre os seus livros que sendo, da auctoria do chefe de estado, e que por consequencia devia ser a da mais alta respeitabilidade, caíam nas mãos das pequenitas, das creanças, das mulheres ingenuas podendo iniciá-las em vergonhas?! Silencio sobre tudo isto é pactuar, é cumplicidade. Creio que se é um padre que o pede, ele não deixaria de pasmar se no confessorio uma das suas paroquianas lhe dissesse ter lido aquilo que, por sua culpa, não se castigara, se sumira, se escondera. E' grande a misericordia de Deus, mas nem todos os seus ministros — ao que vejo — podem interpretá-la.

Foi porque gritou contra os pecados eguaes, praticados por um tetrarcha, tambem chefe de estado, que num longinquo tempo, na Judea, um puro homem, de pura alma, foi degolado, e a sua cabeça, sangrando, appareceu num prato de oiro nas mãos de uma bachante núa.

O *Diario do Minho* esqueceu que por tal suplicio a historia marcou mais um crime e a Igreja contou mais um Santo, aquele dôce e piedoso São João, em honra do qual, sobretudo nessa Braga da Fé, o povo canta e baila numa dôce noite de junho.

